

ESTILOS FOUCAULTIANOS: DITOS, FEITOS, ESCRITOS

Silvia Inês Coneglian Carrilho de VASCONCELOS*

ABSTRACT: This article aims at clarifying some possible forms of foucauldian writing styles as a way of contributing to the reading of one of the most important Western philosophers of our time. It is intended to discuss how the foucauldian discursive movement on the construction of his analysis is, taking as a base, sentences of his books “Arqueologia do Saber”, “Vigiar e Punir”, “O Nascimento da Clínica”, “A Ordem do Discurso”, “O que é um autor?” and “As Palavras e as coisas: arqueologia das ciências humanas”, especially negative announcements.

KEYWORDS: discourse, writing styles, Foucault,

Introdução

Em pesquisa, é de suprema importância
conhecer exatamente o que você não sabe.”
Wilhelm Reich (Regras para seguir na pesquisa básica, 1951)

Confesso! Quando iniciei minhas leituras da obra de Foucault, ao mesmo tempo que vivi um encantamento com a escrita e com as idéias ali desenvolvidas, experimentei um alerta a respeito de seu estilo de escrever. Confesso também: quando tomei pela primeira vez a obra *Éperons. Les styles de Nietzsche*, senti que algo vibrava em mim. Questões se colocaram concomitante àquela trivial “do que trata essa obra?”. Antes mesmo de iniciar a leitura perguntei-me: como será o “estilo” de Nietzsche? Não havia ainda tomado consciência de que seria possível descrever estilos da escrita não-literária e que esses podem provocar deslocamentos nos ditos. Além de descrever estilos, é possível imitá-los, como o prefácio da referida obra de Derrida, em que o prefaciador “busca manter” o estilo derridiano. E, se imitamos o estilo de um autor, é porque aderimos àquele fluxo discursivo singular. O efeito da primeira impressão desse título da obra de Derrida me remeteu com mais consciência a estilos de escrita, fazendo-me lembrar de Freud e suas metáforas, para delinear conceitos, dentre outros, como ego, id, superego, associando-os a cidades (Roma) ou a cenas, como a do cavaleiro em seu cavalo selvagem, tentando se livrar de um enxame de abelhas. Ou tão somente ao modo de se dirigir ao seu ouvinte-leitor: “Em nenhum de meus trabalhos anteriores tive, tão forte quanto agora, a impressão de que o que estou descrevendo pertence ao conhecimento comum e de que estou desperdiçando papel e tinta...” (FREUD, 1997, p. 76) ou ainda em “Talvez estejamos levando longe demais essa reflexão. Talvez devêssemos contentar-nos em afirmar que o que se passou na vida mental pode ser preservado, não sendo, *necessariamente*, destruído”. (FREUD, 1997, p. 18), ao se referir à comparação do inconsciente com a cidade (Roma) ou com o corpo de um animal. Mas, voltemos à obra de Derrida. Ela me remeteu também à obra de Foucault e de seu estilo de escrita. Durante as muitas discussões em aula a respeito de alguma obra foucaultiana, o estilo de escrita se evidenciava, especialmente algumas formas mais recorrentes, como o uso da negativa, além da trama discursiva entrelaçar construção teórica com metáforas e literatura. Vejam

* Doutora; Universidade Federal de Santa Catarina.

especialmente o Prefácio e os capítulos As Meninas (cap. 1) e Representar (cap. 3) de As Palavras e as coisas, como também o Capítulo 1 (O Corpo dos condenados) de Vigiar e Punir. Tratar de algumas formas desse possível estilo é o tema deste artigo, cujo objetivo se volta para uma contribuição à leitura de um dos mais impactantes pensadores ocidentais da atualidade. Em vista disso inicio o presente texto retomando rapidamente a questão da negação, por meio de um vôo rasante em alguns territórios teóricos para, depois, me ater com mais atenção aos exemplos trazidos às considerações que aqui pretendo realizar.

Negação

A história dos estudos a respeito da negação está presente nas principais discussões da história da metafísica, filosofia da linguagem e filosofia da mente, a partir de Parmênides, Platão e Aristóteles, através de Frege, Russell e Wittgenstein.(SPERANZA e HORN, 2010). A questão da negação é tão polêmica que esses autores apresentam também, em suas reflexões, a contribuição de Wilson Cook, que se pergunta se a negação é uma espécie diferente “da afirmação”, ou se ela é, em certo sentido, a forma de todas as declarações já que as definições de algo baseiam-se na busca de dizer tudo o que esse algo não é.

Freud também tratou da negação (e da denegação, de que não falaremos aqui) em muitas de suas obras. Para ele o inconsciente que é puro desejo só opera com afirmativas. Assim, as negações seriam sempre afirmações, já que o inconsciente desconhece o não.

Na área da Linguística, muitos estudiosos também se debruçaram sobre a questão da negação ou das frases negativas, tanto do ponto de vista da estrutura sintática, quando da semântica ou da pragmática. Embora seja considerada um universal linguístico, a negação se realiza de formas distintas nas línguas humanas. A maioria das línguas ocidentais expressa a negação através de partículas de natureza adverbial com alcance parcial ou total sobre a frase. E essa partícula não é só o “não”, pois outras podem aparecer, como: nunca, nenhum.(TOURATIER, 2010). As partículas de negação podem ocupar a posição pré-verbal, pós-verbal, ou pré e pós verbal (Não vou, Vou não, Não vou não). Para Jespersen (1917 apud VITRAL, 1999), essa variação seria motivada por aspectos psicológicos que ele considera universais, ligados à necessidade de ênfase e expressividade.

Há outras abordagens como as semânticas ou pragmáticas que também contribuem para a compreensão do fenômeno da negação. Ducrot (1987), por exemplo, nos fez ver que um enunciado negativo comporta duas proposições: uma primeira e uma outra que a nega. Para ele, essa dualidade da negação pode ser analisável como “encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois “enunciadores” diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição deste ponto de vista”.(1987, p.202). Aponta, Ducrot (1977), que há dois tipos de negação: a descritiva e a metalingüística (polêmica). Num caso como ‘Não há uma nuvem no céu’, o locutor descreve um estado de coisas, que pode equivaler a ‘O céu está absolutamente limpo’ (negação descritiva). Já em ‘Este muro não é banco’, há uma contestação que se opõe a uma asserção feita anteriormente (Este muro é branco). É a negação metalingüística, porque é o ato de refutação do enunciado positivo correspondente.(REIS, 2001).

Embora muitas abordagens a respeito da negação ou das sentenças ou enunciados negativos tenham sua validade, não se pretende aqui aplicar especificament nenhuma delas. Pretendo trazer à discussão como é o movimento discursivo foucaultiano na construção de suas análises, tomando como base as obras Arqueologia do Saber, Vigiar e Punir, O Nascimento da Clínica, A Ordem do Discurso, O que é um autor ? e As Palavras e as coisas: arqueologia das ciências humanas.

Estilos

Sem adentrar na discussão teórica do que é estilo, tomo-o aqui como aquilo que tem certa regularidade numa determinada ocorrência. Então selecionei trechos da obra foucaultiana que são bastante recorrentes e passo a tecer considerações.

Negativas. A primeira delas é o uso peculiar dos enunciados negativos com marcadores de negação. Vejamos as seqüências:

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Ao usar a negação no primeiro segmento, o enunciado retoma um já-dito na forma afirmativa (O novo está no que é dito) que provavelmente circula como enunciado pertencente ao acordo social discursivo, melhor dizendo, circula como um enunciado verdadeiro, autorizado a estar na ordem discursiva de uma época. Assim, ao negar, retoma o já-dito e o desloca pela negativa. Mas isso só não basta. Acresce com um enunciado adversativo que agora recorta melhor a proposição, construindo o cenário conceitual para o “novo”: “acontecimento de sua volta”.

Neste segundo segmento presente em *Vigiar e Punir*, Foucault enuncia, logo após ter apresentado o trecho referente à notícia do suplício de Damians, seguido do regulamento de Leon Faucher para a ‘Casa dos jovens detentos em Paris’, assim: “Apresentamos exemplo de suplício e de utilização do tempo. Eles não sancionam os mesmos crimes, não punem o mesmo gênero de delinqüentes. Mas definem bem, cada um deles, um certo estilo penal.” (FOUCAULT, 2005, p. 11). Novamente a negativa se faz presente, operando aqui uma espécie de ressalva. Os dois ‘argumentos’ – a notícia da execução do parricida e os artigos de um regulamento – não devem ser tomados como representantes homogêneos de atos criminosos. O que deve ser “lido” ali é um certo ‘espírito’ do ato de punir, uma espécie de solo em que se assenta o sentido.

Neste trecho que agora segue, a negativa parece retomar enunciados conceituais da Linguística do século XX, como uma forma de diálogo com o leitor desse momento histórico, como forma de pontuar a diferença conceitual de linguagem no século sobre o qual Foucault trata: “No século XVI, a linguagem real não é um conjunto de signos independentes, uniforme e liso, onde as coisas viriam refletir-se como num espelho, para aí enunciar, uma a uma, sua verdade singular. É antes coisa opaca, misteriosa, cerrada sobre si mesma....” (FOUCAULT, 1987, p. 50). E continua: “No seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário...” (FOUCAULT, 1987, p. 51), apontando a um possível diálogo com as proposições saussureanas. No final dessa obra, Foucault retoma a questão da linguagem e do objeto das ciências humanas. Novamente enuncia pela negativa:

O objeto das ciências humanas não é, pois, a linguagem (falada, contudo, apenas pelos homens), mas, sim, esse ser que, do interior da linguagem pela qual está cercado, se representa, ao falar, o sentido das palavras ou das proposições que enuncia e se dá, finalmente, a representação da própria linguagem.” (FOUCAULT, 1987, p. 370).

Outro exemplo de negativa retomando enunciados que circulam autorizados pelo acordo social pode ser lido em: “O nome de autor não é, portanto, um nome próprio exactamente como os outros” (FOUCAULT, 1992, p. 43-44).

Negativas do sujeito enunciadador. Aqui os enunciados negativos se apresentam agora como marcados subjetivamente. Quem nega agora é o sujeito do dizer, ainda que se apresente sintaticamente como sujeito indeterminado. Vejamos na obra *Arqueologia do Saber*, quando

Foucault está se referindo ao discurso médico em *O Nascimento da Clínica*. As ocorrências são: ‘não se tentou reduzi-la..’, ‘Não se quis, tampouco,...’, ‘não se tentou...’.

Convém observar ainda que, após se ter constatado a disparidade dos tipos de enunciação no discurso clínico, não se tentou reduzi-la fazendo aparecer as estruturas formais, categorias, modos de encadeamento lógico, tipos de raciocínio e indução, formas de análise e síntese que puderam ser empregados em um discurso; não se quis separar a organização racional, que é capaz de dar a enunciados – como os da medicina – o que comportam em termos de necessidade intrínseca. Não se quis, tampouco, relacionar a um ato fundador, ou a uma consciência constituinte, o horizonte geral de racionalidade no qual se destacaram, pouco a pouco, os progressos da medicina, seus esforços para se alinhar entre as ciências exatas, a condensação de seus métodos de observação, a lenta e difícil expulsão das imagens ou dos fantasmas que a habitam, a purificação de seu sistema de raciocínio. Enfim, não se tentou descrever nem a gênese empírica nem os diversos componentes da mentalidade médica: como se deslocou o interesse dos médicos, por qual modelo teórico ou experimental foram influenciados, que filosofia ou temática moral definiu o clima de sua reflexão, a que questões, a que perguntas tiveram de responder, que esforços tiveram que fazer para se libertarem dos preconceitos tradicionais, que caminhos percorreram na direção da unificação e coerência – jamais acabadas, jamais atingidas – de seu saber. (FOUCAULT, 1997, p. 60)

Nas três formas usadas, evidenciam-se os ‘diálogos’ do pensador com as proposições correntes. A primeira, referindo-se à prática de analisar massas discursivas e buscar nelas – por redução das seqüências lingüísticas de superfície – as proposições subjacentes, de forma a se chegar à ‘estrutura’ do raciocínio ou da argumentação. A segunda, referindo-se à descrição de enunciados que remeteriam à história das mentalidades. A terceira, ecoando a adesão nietzschiana, relacionando-se à recusa ao pensamento de busca da origem. O mesmo ocorre em neste trecho de *A Ordem do discurso*, em que cada negativa aponta para a recusa de determinada filiação teórica:

(...) nunca procurei fazer um quadro genealógico das individualidades espirituais, nunca pretendi constituir um daguerreótipo intelectual do sábio ou do naturalista dos séculos XVII e XVIII; não quis formar nenhuma família, nem santa nem perversa, procurei simplesmente – o que é muito mais modesto – as condições de funcionamento das práticas discursivas específicas. (FOUCAULT, 1992, p. 32)

Além dessa há outra forma, outro traço de estilo: negativa do sujeito enunciador explícito sem uso de partícula de negação. No trecho selecionado a negativa se apresenta marcada pelo campo semântico do verbo, e a subjetividade, sintaticamente pelo ‘nós’ observável na flexão verbal: “Renunciaremos...”. Aqui, Foucault está tratando das modalidades enunciativas.

Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão – a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. Ainda há pouco mostramos que não era nem pelas “palavras” nem pelas “coisas” que era preciso definir o regime dos objetos característicos de uma formação discursiva; da mesma forma, é preciso reconhecer, agora, que não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental nem pelo recurso a uma subjetividade psicológica que se deve definir o regime de suas enunciações. (FOUCAULT, 1997, p. 61 e 62)

Mais outra forma, mais outro traço de estilo: pela locução “em lugar de a,...b, c, d”. Essa outra possibilidade de ver o estilo foucaultiano está no que se pode chamar de abertura múltipla da descrição-explicação do objeto em análise. A trama discursiva tecida por Foucault é sempre composta de muitos fios. Num fenômeno qualquer, num documento contábil comum, esse pensador vê e discursiviza uma rede de figuras complexas, impossibilitando o raciocínio simples. O trecho que segue, da obra *Arqueologia do Saber*, bem evidencia isso. Nesse exemplo, o autor está tratando da análise que ele está propondo fazer, ou, digamos, o ‘método’ de investigação.

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. (FOUCAULT, 1997, p. 61)

O mesmo é observável em *Vigiar e punir*, referindo-se às execuções públicas, aos suplícios dos condenados: “As pessoas não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição, e porque até certo ponto devem tomar parte nela.” (FOUCAULT, 2005, p. 49). Não se trata só de uma ‘explicação’, uma só ‘causa’ que justifique os fatos analisáveis. Sempre são conjuntos de ocorrências que são trazidos à cena posta em foco.

Ou, ainda, em *O que é um Autor?*:

Um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.); ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, seleccioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si; ...” (FOUCAULT, 1992, p. 44-45).

Mais uma possibilidade: frases-síntese que funcionam como frases de grande efeito. Essa é outra regularidade importante de ser aqui assinalada. Ao término de certas reflexões, o texto foucaultiano nos brinda com determinadas seqüências linguísticas notadamente sintéticas e muitas delas inesperadas ou até poéticas, como este, em *O Nascimento da clínica*: “Em seguida veio o Iluminismo; a morte teve direito à clareza e tornou-se objeto e fonte de saber para o espírito filosófico. O saber tece onde cresce a larva.” (FOUCAULT, 1998, p. 142). Foucault constrói um deslocamento via discurso. Primeiro porque aponta que, no insólito, no ascoso, há saber. Segundo, porque a construção é intransitiva: “o saber tece”, “se tece”, “se constitui”. O sujeito do saber é aí apagado.

O mesmo ocorre ainda em: “Na clínica, inversamente, se encontram doenças cujo portador é indiferente: o que está presente é a doença no corpo que lhe é próprio, que não é o doente, mas o de sua verdade. No hospital, o doente é *sujeito* de sua doença...” (FOUCAULT, 1998, p. 66). E continua: “A clínica não é um instrumento para descobrir uma verdade ainda desconhecida; é uma determinada maneira de dispor a verdade já adquirida e de apresentá-la para que ela se desvela sistematicamente” (FOUCAULT, 1998, p. 66), para então fechar o discurso, na mesma página, com outra seqüência de grande efeito: “A clínica é uma espécie de teatro nosológico de que o aluno desconhece, de início, o desfecho.”

Em *Vigiar e punir*, a frase-síntese-efeito pode ser assinalada quando, Foucault, mais uma vez, faz crítica ao Iluminismo. No trecho da página 183, após tecer suas considerações sobre a

‘modalidade panóptica do poder’, esse pensador assim sentenciou: “As “Luzes” que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas”. (FOUCAULT, 2005, p. 183), apontando para a complexidade dos fenômenos (uma prática discursiva leva a muitas outras, inclusive aparentemente contraditórias entre si), mostrando seus avessos, as teias imbricadas presentes em qualquer análise do sujeito e suas práticas discursivas.

A intitulação de capítulos é mais um aspecto a ser observado na obra foucaultiana. O título do Capítulo VIII de *O Nascimento da clínica* é tomado aqui como exemplar, embora muitos outros poderiam ser devidamente trazidos à análise. O título é “Abram alguns cadáveres”. Trata-se de uma frase no imperativo afirmativo. Constitui-se, portanto, numa ordem a ser seguida e, como tal, causa um estranhamento no padrão mais corriqueiro de títulos de capítulos (HOEK, 1980), mas é um indicador de leitura (FISHER, 1984). Esse título é retirado de uma frase de Bichat (1801), citado por Foucault: “[...], Bichat já as relegava à História: “Durante 20 anos, noite e dia, se tomarão notas, ao leito dos doentes, sobre as afecções do coração, dos pulmões e das vísceras gástricas e o resultado será apenas confusão nos sintomas, que, a nada se vinculando, oferecerão uma série de fenômenos incoerentes. Abram alguns cadáveres: logo verão desaparecer a obscuridade que apenas a observação não pudera dissipar”. (X.BICHAT, *Anatomie générale*, prefácio, p. XCIX). Após a citação, Foucault sentenciou com outra frase-síntese-efeito: “A noite viva se dissipa na claridade da morte.” (FOUCAULT, 1998, p. 168).

Uma regularidade importante de estilo a ser apontada na obra foucaultiana é o uso de enunciados sintetizantes ao fim da análise empreendida pelo autor. Em muitos capítulos de suas várias obras, esse pensador indica um “em suma”. Em *Vigiar e punir*, logo no início do capítulo de abertura dessa obra, justamente na introdução, esse pensador apresenta as linhas do tema geral do livro. Antes de terminar a apresentação, há o parágrafo síntese, resumitivo, mas não definitivo (porque muitos outros ‘resumos’ vão aparecer e apresentar novos sentidos): “Em suma, tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto.” (FOUCAULT, 2005, p. 24). Ou ainda em *Arqueologia do Saber*: “Em suma: as modalidades diversas da enunciação não estão relacionadas à unidade de um sujeito – quer se trate do sujeito tomado como pura instância fundadora de racionalidade, ou do sujeito tomado como função empírica de síntese. Nem o “conhecer”, nem os “conhecimentos”. (FOUCAULT, 1997, p. 61). Esse “Em suma” não só sintetiza o que vinha sendo exposto como também aponta para as filiações teóricas aceitas e as rejeitadas. Portanto, não se trata somente de uma síntese do pensamento exposto até ali. Isso é constatável em *O que é um Autor?*

Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. (FOUCAULT, 1992, p. 45)

Avaliações da obra pelo próprio autor também são uma regularidade digna de nota. Na Conclusão de *O Nascimento da Clínica*, Foucault assim se pronuncia: “O livro que se acaba de ler é, entre outros, o ensaio de um método no domínio tão confuso, tão pouco e tão mal estruturado da história das idéias. Seu suporte é estreito (...)” (FOUCAULT, 1998, p. 225). O mesmo é observável na abertura da comunicação (*O que é um Autor?*) apresentada à *Société Française de Philosophie*, na tarde de 22 de fevereiro de 1969, conforme nota dos tradutores-organizadores da obra em português europeu:

Se escolhi tratar esta questão talvez um pouco estranha foi, antes de mais, porque queria fazer uma certa crítica ao que noutros tempos me aconteceu escrever, corrigindo assim um certo número de imprudências que então cometi. Em *Les Mots et les Choses*, tinha tentado analisar massas verbais, espécies de tecidos discursivos que não eram escondidos pelas unidades habituais do livro, da obra e do autor.” (FOUCAULT, 1992, p. 31)

Agora, encaminhando para a finalização desta breve apresentação sobre um percurso de busca dos estilos da escrita foucaultiana, é possível delinear que as formas, todas elas, frases negativas com partículas de negação, frases negativas com o sujeito enunciador explícito, frases-síntese e frases-síntese-de efeito, são modos de dialogar do autor com seus leitores e com suas próprias reflexões. Dito isso, parece ser necessário retornar ao estilo de dizer pela negativa, porque, no trecho que segue, fica bastante evidente, nas próprias palavras de Foucault, que o negar é uma forma de incluir. Melhor dizendo, negar não é necessária e peremptoriamente excluir o outro ou o pensamento do outro. Antes, é incluí-lo de alguma forma. Ao fim e ao cabo a negação nos aproxima. (Parece, então, que W. Cook tem alguma razão). E isso fica bem escancarado na finalização da conferência proferida por Foucault, A Ordem do Discurso, como aula inaugural no Collège de France, em 2 de dezembro de 1970.

Mas escapar realmente de Hegel supõe apreciar exatamente o quanto custa separar-se dele; supõe saber até onde Hegel, insidiosamente, talvez, aproximou-se de nós; supõe saber naquilo que nos permite pensar contra Hegel, o que ainda é hegeliano; e medir em que nosso recurso contra ele é ainda, talvez, um ardil que ele nos opõe, ao termo do qual nos espera, imóvel e em outro lugar. (FOUCAULT, 1996, p. 72)

Ao finalizar a aula inaugural no Collège de France, Foucault apresenta, digamos, os créditos de suas pesquisas; explicitando todos os nomes a quem ele muito deve pelo incentivo ao trabalho de escrever, de compreender a história de ciência, de analisar internamente um discurso. Ao se referir a Jean Hyppolite, faz uma ressalva a respeito da filiação hegeliana desse seu “mentor intelectual”, avaliação feita pelos intelectuais da época, e, ao mesmo tempo, deixa entrever que negar é também tornar presente as grandes sombras fantasmagóricas do que é negado para continuar tecendo e deslocando os fios dos discursos.

Referências

- DERRIDA, J. *Éperons. Les styles de Nietzsche*. Paris: Flammarion, 1978
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas (SP): Pontes, 1987.
- _____. *Princípios de Semântica Lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FISHER, J. Entitling. *Critical Inquiry*. Vo.11, n.2, Dez, p. 286-298, 1984.
- FREUD, S. *O Mal-Estar da civilização*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da clínica*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HOEK, L. *La marque du titre*. Dispositifs sémiotiques d'une pratique textuelle. La Haye: Mouton, 1980.

REIS, M. S. dos. Negação metalingüística e pressuposto: algumas considerações semântico-pragmáticas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 1, número 1, jul./dez. 2001.

SPERANZA, J.L.; HORN, Laurence R. A brief history of negation. *Journal of Applied Logic*. Vol. 8, n.3, p. 277-30, set. 2010

TOURATIER, C. *La négation*. Disponível em: < <http://sites.univ-provence.fr/wclaix/negation.pdf>> Acesso em: 22 jul 2010.

VITRAL, L. A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. *D.E.L.T.A.* vol.15 n.1 São Paulo Feb./July 1999. *Versão on-line*. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000100003&script=sci_arttext> Acesso em: 22 jul 2010.